

CONCLUSÃO

Neste trabalho, etapa inicial de uma pesquisa mais ampla, procurei descrever e analisar estruturas portando "objeto incorporado" em português.

Na primeira seção, tive por objetivo a explicitação do arcabouço teórico em que me baseei. Procedendo ao levantamento dos traços que, segundo Hopper e Thompson (1980), caracterizam as estruturas transitivas prototípicas, busquei focalizar mais de perto o objeto direto canônico.

A seguir, na segunda parte, apresentei primeiro uma descrição das características do "objeto incorporado" em português, confrontando-as com as do objeto típico. Para tanto, foram levados em conta traços morfo-sintáticos e semânticos-pragmáticos. O que se verificou, dentre outros fatos, foi que os "nomes incorporados" se apresentam em sua forma básica e não vêm acompanhados de determinantes, adjetivos ou outros modificadores. Semanticamente, não são pacientes típicos, isto é, não representam entidades bem individualizadas e totalmente afetadas pela ação/evento. Além disso, são nomes não-referenciais, não funcionando, pois, como tópicos do discurso (no sentido de Givón (1984)), argumentos passíveis de terem um papel de destaque no texto ulterior. Em decorrência desses traços, eles recusam a retomada pronominal, quer na função de sujeito, quer na de objeto.

Outras peculiaridades aqui apontadas que distinguem os complementos em pauta do objeto direto canônico foram as seguintes: a sua aneposição, a sua clivagem ou a sua retomada pelos elementos

o que/quem são pouco naturais.

Mediante esses fatos, foi aventada a hipótese de que verbo + "nome incorporado" parecem constituir, na verdade, uma só expressão, um todo semântico. Como evidência a favor dessa hipótese, foi citada, por exemplo, a "estranheza" que nos causam estruturas em que há a intercalação de advérbios de modo entre verbo e "objeto incorporado", ao contrário do que se observa em orações transitivas típicas.

Todas essas características fundamentaram a conclusão de que o "objeto incorporado" contribui para um menor grau de transitividade das sentenças em que ocorrem.

Na subseção seguinte, fiz uma primeira tentativa de distinguir tipos diferentes da construção em foco. Examinados os dados, pôde-se constatar que algumas dessas estruturas de "nome incorporado" são mais estereotipadas, cristalizadas, do que outras. Compõem elas um primeiro grupo, onde se encontram, por exemplo, expressões de "xingamento" correntes em nossa língua.

Já o segundo grupo é integrado por estruturas de grande produtividade no português, embora não tenha o mesmo caráter estereotipado do primeiro.

Finalmente, como um terceiro tipo, arrolam-se aqueles casos em que a expressão constituída de verbo + "objeto incorporado" pode ser substituída por um verbo simples, cognato do nome complemento (exemplo: fazer massagem - massagear). Com referência a esse último caso, ficou claro que não há verdadeira equivalência entre as orações com verbo simples e aquelas com "nome incorporado". Tanto é que se detectaram diferenças entre alguns pares

contrastados. De qualquer modo, a minha opinião é de que as formas diversas de codificação do evento refletem diferentes perspectivas sob as quais o falante se coloca.

Em 2.3., foi minha intenção verificar se as características do "objeto incorporado", descritas em 2.1., se manifestavam nos discursos efetivamente produzidos. Para isso foram analisadas, aproximadamente, 6 horas de narrativas orais espontâneas, nas quais aparecem 110 casos de "objeto incorporado". Foi possível, a partir do exame de cada um deles, constatar a adequação de todos os traços anteriormente levantados com referência a esse complemento.

Nesta parte, procurei destacar, ainda, a não-topicalidade do "nome incorporado", conforme se observa nos dados colhidos nas gravações.

O passo seguinte foi a análise dos contextos em que os "objetos incorporados" ocorreram. Ainda que prematura e provisoriamente, foi averiguada a adequação, ou não, da hipótese, aventada por Hopper e Thompson, de uma correlação entre graus de transitividade e as noções de "figura"/ "fundo". A conclusão (provisória, repito) foi de que parece haver evidência a favor dessa idéia. Assim é que a incidência de "objeto incorporado" é maior em estruturas de "backgrounding", quase todas mais pressuposicionais; portanto, orações que se afastam das transitivas canônicas, com referência também a outros dos parâmetros citados por Hopper e Thompson.

Por fim, na última parte, o objetivo foi demonstrar que o princípio da iconicidade, defendido por Haiman (dentre outros), atua também nesse tipo de estrutura ocorrente no português.